



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1224

MEMÓRIAS DO VESTIR NO CORPO: OS ENXOVAIS NA MODA

Débora Pinguello Morgado
Ivana Guilherme Simili
La Moda – UEM
Universidade Estadual de Maringá

Resumo. As heranças têxteis provenientes de antigos enxovais, que se constituem em roupas de cama, mesa e banho, são parte de um acervo histórico familiar e revelam muito sobre a história das mulheres e suas relações com os tecidos que decoram as casas. As artes confeccionadas na superfície dos “paninhos”, por meio dos saberes e fazeres femininos, guardadas na gaveta do esquecimento, podem recriar e traduzir um passado, cujas lembranças serão os vetores para o reconhecimento e o fortalecimento da identidade do indivíduo que percebe sua história revelada pelos tecidos. A comunicação e transformação dos têxteis podem ser feitas por meio da moda e do reaproveitamento, ou seja, transformar as toalhas e colchas, por exemplo, em roupas que portam memórias. A metodologia do artigo perpassa pelos diálogos sobre memória e identidade, relacionando-os com a história das mulheres e o fazer moda – fazer esse que pode ser veículo para a compreensão dos encontros entre dois universos culturais: o feminino e as roupas. A reflexão se completa com a materialidade de peças de roupas que, seguindo as trilhas da criação de moda, mediante o reaproveitamento de panos da casa, permitirão dimensionar visualmente as técnicas para a reutilização de têxteis histórico-culturais. Nesse ponto, as imagens fotográficas das roupas apresentadas no Trabalho de Conclusão de Curso de Moda (UEM), dão o tom da narrativa. Por meio delas evidenciamos como valorizar os bens intangíveis - os sentimentos e os afetos – que ligam os panos às memórias femininas.

Palavras-chave: Heranças têxteis; Memória; Identidade; Reaproveitamento; História feminina

Introdução

A história familiar narrada pelas mulheres por meio dos têxteis da casa, em particular os pedaços de tecidos que na forma de panos de prato, colchas e toalhinhas enfeitam as ambiências e/ou são empregados no seu cotidiano para vestir e cuidar dos lares, permitem múltiplas abordagens. Uma delas, assumida neste texto, é a de entender “os tecidos e panos” como documentos privados com conteúdos históricos sobre os processos de identidade e de memória familiar.

Na abordagem consideramos que as “roupas da casa”, como linguagens simbólicas de vínculos familiares, contribuem para o fortalecimento da identidade de um indivíduo; o conhecimento da história pessoal permite o autoconhecimento, a consciência do seu lugar no mundo, promove confiança e segurança nas relações (FOSCHIERA, 2009). Dados esses vínculos, os panos, como “peças de lembranças” da história familiar não somente propagam a individualidade da memória de cada família, mas também da memória social mais ampla. (HALBWACHS, 1925).

Nos fragmentos que tecem as lembranças e as memórias, como bens e meios intangíveis e tangíveis – materiais como objetos diversos e patrimônios culturais –, registram-se os conhecimentos do passado necessários às diretrizes de percurso da vida ligando-os à história da cultura familiar. Como afirmado por Gonçalves (1988) é por meio da cultura e de seus patrimônios que o indivíduo coletivo posiciona sua identidade no mundo. Os monumentos históricos comparam-se aos bens que um indivíduo possui. Em um país, quanto mais numerosos e mais observados, maior a relação estabelecida de continuidade com o passado.

Considerando a importância dos bens tangíveis ao conhecimento do passado, Stallybrass (2008) traz reflexões sobre memórias, família, roupas e têxteis que auxiliam no entendimento da análise proposta para a história familiar por meio de “peças-lembranças” dos tecidos e panos da casa. Em sua abordagem ele compara as roupas com as joias; as roupas carregam as marcas humanas enquanto que as joias, ainda que carreguem as marcas de seus donos, resistem à história dos corpos, ridicularizam a mortalidade humana. Os artigos têxteis concentram o cheiro

da mortalidade, as histórias de vida e morte de seu dono, e as heranças têxteis familiares dizem muito da história da origem de cada um.

Muitos desses artigos têxteis que representam e guardam a memória de uma família são provenientes dos saberes e fazeres das mulheres que, desde o século XIX, ainda meninas, eram apresentadas aos trabalhos manuais de costuras e bordados confeccionando seus enxovais para um futuro casamento (AREND, 2012). As roupas e os têxteis domésticos provenientes dos delicados fazeres, como representativos da história de uma família, constituem também as tramas da identidade de um indivíduo. A lembrança do enlace feminino com o feitiço e embelezamento dos paninhos da casa faz despertar para a relação que se estabelece com as exigências destinadas ao papel da mulher.

Denota-se aqui o anseio de promover aos têxteis que vestem o lar, em especial aos que estiveram presentes desde o início da concepção de uma família, o reconhecimento de sua relevância como portadores de memórias. Memórias que, no fortalecimento da identidade, são capazes de modificar a relação de um indivíduo com o mundo, engajando-o, neste caso, com as questões de sustentabilidade, respeito humano e pela luta feminina.

Revelar-se-á, por fim, o resultado de uma experiência em dar nova vida aos têxteis domésticos, provenientes de um acervo familiar, em produtos de moda, que articula novos significados para uma roupa e promove o encontro do usuário com sua própria narrativa e, assim, estreita os laços entre história, moda e design. Percorrendo este caminho, o design de superfície têxtil foi utilizado para incorporar os “paninhos do lar” em roupas que, com seu estilo *retrô*, foram criadas para que pudessem receber esses artefatos “memorialísticos”.

A memória familiar e o fortalecimento identitário

O presente tem se mostrado problemático no sentido de se estabelecer uma identidade fixa já que as constantes e bruscas mudanças da modernidade líquida – assim definida por Bauman (2012) – interferem nessa fixação. Fala-se em identificações e identidades provisórias que mudam concomitantemente ao surgimento de novidades que induza a novas “descobertas” internas.

Para Taylor (1997) a identidade de uma pessoa é constituída pelo que ela é e de onde ela veio tendo como base a educação familiar, escolar e social. A ausência

de uma educação, que na infância, preserve e narre a história da família, pode fazer com que o interesse pelos membros familiares e pela sua história se anule. Como confirma Foschiera (2009) as chances de se criar um sujeito com uma identidade pessoal perturbada são grandes, pois este sentirá a falta da história que respalde sua existência. Uma identidade pessoal perturbada faz com que sejam esquecidas as exigências para com o transcendente ao eu e promove o descuido com a perpetuação do futuro.

Duke (2006), ao realizar uma pesquisa de observação com algumas famílias, pode constatar a importância do reforço das tradições e das histórias familiares contadas a uma criança. Ele compara essa fortificação com a fé. Da mesma maneira que um religioso encontra determinado tipo de comportamento dentro da doutrina de sua religião, a criança segue os ensinamentos e os preceitos morais de sua família. Duke (2006) também discorre sobre como essas crianças poderão ser adultos melhores, pois encontram o seu lugar dentro da sua família e isso aumenta sua autoestima e autoconfiança.

Barros (1989), a partir de pesquisas realizadas em famílias cariocas, afirma que um dos meios mais utilizados para a preservação da história de uma família é a fotografia, que geralmente constitui a maior parte do acervo histórico familiar. O principal papel da fotografia é preservar a imagem do que um dia foi matéria, foi palpável. Uma fotografia da avó vestida de noiva, por exemplo, mostra o vestido que ela usou no dia do matrimônio, um elemento importante para a simbologia do casamento – evento este que originou a vida do neto que observa e se observa na foto da avó –. Então, mais intenso seria esse momento, da observação da fotografia, se o vestido estivesse ali presente, com as manchas do tempo e com a lembrança do toque de uma pele que, um dia jovem, esteve dentro daquele emaranhado de tecido.

Como as fotografias, histórias contadas e repassadas e outros bens materiais, incluindo os têxteis, podem revelar as origens de uma pessoa que, ao se posicionar frente aos conhecimentos sublimados nesses mantenedores de lembranças, tem a chance de refinar sua identidade ainda que, segundo Hall (1992), seja impossível atualmente fixar com precisão uma identidade, pois as sociedades contemporâneas são imprevisíveis, mudam constante e rapidamente. E assim encontram-se as identidades, abaladas com as incessáveis variações, bipolares e ambíguas.

A moda e a globalização como atuantes nos conflitos identitários

Avelar (2011) explica que uma roupa pode dizer muito sobre a identidade de alguém e intensifica as relações humanas, mas à medida que a existência de padrões massificados vai se pluralizando, perde-se um pouco da capacidade de desvendar uma pessoa por meio de sua roupa. Assim como os padrões de massa se pluralizam, as identidades não fogem a regra – e uma pode ser consequente da outra –, o que tem acontecido em função da hibridização da sociedade e que se enlaça cada vez mais aos aparatos digitais.

O que as roupas, hoje tão massificadas, poderão dizer de seus usuários no futuro? Na atual época do descarte talvez elas nem sequer cheguem a conceber um futuro, seja pela vontade de livrar-se das roupas velhas a fim de adquirir novas, ou pelas péssimas qualidades de algumas matérias primas utilizadas nas confecções têxteis (BERLIM, 2012).

As constantes mutações na moda, por consequência, desenfreiam o descarte e é o reflexo de uma mudança na sociedade que deixou de valorizar as tradições.

A efervescência temporal da moda não deve ser interpretada como a aceleração das tendências para a mudança, mais ou menos realizadas segundo as civilizações, mas inerentes ao fato humano social. Ela traduz não a continuidade da natureza humana (gosto pela novidade e pelo enfeite, desejo de distinção, rivalidade de grupos etc.), mas uma descontinuidade histórica, uma ruptura maior, ainda que circunscrita, com a forma de socialização que se vinha exercendo de fato desde sempre: a lógica imutável da tradição (LIPOVETSKY, 2009, p.35).

“A lógica imutável da tradição” é o alvo da ruptura comandante da nova sociedade, que faz mais interessante a moda mutante e as novidades em contradição a tudo que esconda um passado. Burke (2003, p.9) diz que “O preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é característica de nossa época, inclui a perda de tradições e de raízes locais.”. No entanto, é preciso destacar que todo movimento tem seu fluxo contrário, e é esse fluxo que move este trabalho e também o retorno do *retrô*, do *vintage* e do *brechó*.

De acordo com Crane (2006) os artefatos se constituem uma parte emblemática das tradições e o seu poder na cultura e no comportamento social ocorre sem que uma percepção clara desse fenômeno seja percebida. Tal exercício

de poder tem se enfraquecido graças à personificação tecnológica decorrente da pós-modernidade. As roupas são um bom exemplo de como a influência dos artefatos no mundo “pós-industrial” tem sido bloqueada em detrimento da manipulação que sofrem esses próprios artigos.

Bauman (2012) explana sobre as novas relações humanas com o futuro. Para ele a preocupação com o presente, conseqüente da globalização e da era digital, descarta uma perspectiva de futuro, pois nada é feito para durar. Além de ser preciso exercer a construção de memórias, o homem necessita de “[...] solicitude e afeto para com aquilo que quer recordar, pois onde não há interesse e amor, não se fixam as impressões na alma.” (LAUAND, 2000, apud COSTA, 2007, p.3). Assim, entende-se que a memória é um dos elementos responsáveis pelo modo como se dá a projeção do indivíduo no mundo bem como suas relações com os seus semelhantes e os sentimentos a eles dedicados. Percebe-se que conectar-se ao passado com vistas no futuro é um meio de ruptura com o ciclo do consumo desregrado, globalizado e danoso às pessoas e ao planeta.

Têxteis domésticos: mantenedores de lembranças femininas

O segmento de têxteis domésticos é constituído de produtos têxteis que tem por finalidade decorar os lares conferindo conforto e aptidão estética. Divididos em roupas de cama, mesa e banho, eles estão presentes em todos os cômodos da casa e possuem especificidades para cada cômodo (RODRIGUES, 2009).

Os produtos têxteis destinados ao âmbito doméstico tiveram o seu apogeu no século XIX estendendo-se pelo início do século XX e eram dotados de grande riqueza estética e cultural. Porém, tal valor ficou por muito tempo despercebido, o que motivou a organização de um evento, no ano de 2012, na cidade do Rio de Janeiro, intitulado I Encontro de Gestores de Acervos Históricos de Têxteis Domésticos. O encontro se deu pela necessidade da promoção dos estudos acerca desses têxteis nas casas oitocentistas brasileiras. Necessidade que foi percebida por duas historiadoras cariocas que, ao visitarem o Museu Casa de Rui Barbosa, perceberam a total ausência de têxteis domésticos, algo impensável para a época (MALTA, 2013).

Na concepção de Malta (2013, p.2) os têxteis domésticos envolvem os tecidos de revestimento e sobreposição, mas são geralmente tratados por tecidos de decoração e tecidos de serviço – no caso os tapetes.

Os têxteis decorativos englobam produção industrial e artesanal, tanto frutos de serviços de tapeceiros quanto de habilidosas mãos de donas de casa, as quais desenvolviam uma infinidade de ‘paninhos’, que envolviam muitos materiais e variadas técnicas, como crochê e bordados. O universo têxtil usado na nossa domesticidade do passado era de grande riqueza técnica, estética, cultural e não se imaginava uma casa despida de têxteis. Sua importância no cotidiano das casas e nas sociabilidades familiares precisa ser resgatada.

Averigua-se então que, além de sua produção fabril, os têxteis decorativos, por muito tempo, foram desenvolvidos – e ainda são, porém em menor quantidade – pelos trabalhos de linha e agulha das mulheres que o faziam para o bem cuidar do ambiente doméstico. Assim, decorar o lar com tecidos sempre pareceu muito natural ao desempenho do papel feminino e teve sua concepção na prática do preparo dos enxovais. Os bordados aplicados nos tecidos construía os anseios de um futuro casamento e eram um legado de saberes entre mãe e filha (AREND, 2012).

O apreço feminino pelos tecidos decorativos é derivado da necessidade de constituir pequenos acervos portadores de memórias.

As mulheres tem paixão pelos porta-joias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: mechas de cabelo, joias de família, miniaturas que, antes da fotografia, permitem aprisionar o rosto amado. [...] A roupa de cama, mesa e banho, o vestuário constituem uma forma de acumulação. O enxoval cuidadosamente preparado nos meios populares, sobretudo rurais, é uma longa história entre mãe e filha. A confecção do enxoval é um legado de saberes e segredos do corpo e do coração, longamente destilados. O armário de roupa é ao mesmo tempo o cofre e o relicário (PERROT, 1989, p.5-6).

As mulheres confeccionam e colecionam memórias há muito tempo, porém a era digital da globalização vem rompendo com esse ciclo. Buscar pelos antigos têxteis é uma forma de recuperar as lembranças contidas nos artefatos que constituíram a história da concepção de si próprio e assim preenchê-los de novas impressões e memórias.

Stallybrass (2008) discursa sobre a história de uma operária fabril e de sua colcha que, feita de variados retalhos, cada qual imerso em uma lembrança de etapas diferentes de sua vida, envolvendo seus familiares, emoldura os fragmentos

de uma história. Uma colcha concebida pela junção de histórias várias para, por fim, discursar sobre uma existência.

As propriedades subjetivas que retêm as memórias nos tecidos, e que se relacionam principalmente com as mulheres, intensificam os questionamentos acerca de tal. Simmel (1905) afirma que a “[...] estreita relação com tudo o que é “costume”, com aquilo “que fica bem”, com a forma de vida geralmente aceita e reconhecida.” se deve ao aprisionamento das mulheres durante longo tempo de sua história.

Aos produtores de moda e aos que se dedicam à criatividade na construção de peças de vestuário, um exemplo pode ser seguido no intuito de buscar memórias familiares, femininas e zelar pela desaceleração do consumo: Zuzu Angel, primeira designer de moda brasileira, construiu vestidos feitos de toalhas e colchas, discursando com isso, reaproveitamento e feminismo.

Contar a história na roupa: o design de superfície têxtil na aplicação dos têxteis lar

Assim como Zuzu Angel que, no reaproveitamento de colchas e toalhas discursou sobre sustentabilidade e feminismo em suas roupas, este artigo traz o resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso, de Moda, que procurou estreitar os laços entre a moda e as concepções do eu, pautados pela discussão sobre identidade e memória, e também dos fazeres femininos.

O design de superfície têxtil é a concentração de técnicas que trabalha e redesenha a superfície de um tecido. As superfícies têm um modo próprio de se comunicar, que relaciona a percepção dos sentidos às sensações e emoções. O design de superfície trabalha uma superfície para que ela não seja simplesmente um material de proteção, mas que possam “[...] transmitir informações sígnicas que podem ser percebidas por meio dos sentidos, tais como cores, texturas e grafismos.” (FREITAS, 2011, p. 17).

Freitas (2011) ainda salienta que os sentidos humanos funcionam como um canal pelo qual se captura o mundo. As respostas estimuladas pelos sentidos, como

gestos ou arrepios, são a comunicação da experiência que uma pessoa teve com o sentido. Muitas vezes as respostas são múltiplas, pois um sentido quando utilizado pode despertar outros sentidos, ocorrendo então de maneira sinestésica. Os sentidos trabalham juntamente com a memória na medida em que, quando um captura uma sensação, a outra a compreende e a guarda juntamente com as outras lembranças que formam o repertório de cada um. Desde que guardadas dentro desse repertório, essas sensações podem ser evocadas a qualquer momento por algo que reative essa memória. Ainda que no nível inconsciente, uma sensação vivida permanece dentro da realidade de quem a viveu (FREITAS, 2011).

Abordadas tais considerações, alicerçadas pelo conceito de design emocional, que versa sobre a carga de sentimentos que um produto conter, e com a convicção de que uma peça de vestuário, desenvolvida com a aplicação de têxteis domésticos provenientes do patrimônio histórico familiar, poderá promover o encontro entre usuário e a sua própria história, é que o design de superfície têxtil foi utilizado. Efeitos como o tingimento, a estamparia e os bordados conferiram uma nova aparência aos têxteis domésticos e os adaptou em produtos de moda, na forma de recortes e aplicações.

A Figura 1 mostra uma colcha, proveniente de uma família, que foi utilizada para a confecção de um short. A colcha recebeu uma estampa de pequenos pinhões¹ e foi cortada de modo que as franjas originais da colcha permanecessem na barra do short.

Figura 1: Colcha transformada em short

¹ O Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Moda, pela Universidade Estadual de Maringá, exige que, para a criação das roupas, seja proposto um tema que defina parte de sua estética. As roupas criadas são destinadas a um público feminino paranaense, e como há os discursos sobre memória e identidade, foi escolhida como tema “A lenda da gralha azul”, pois versa sobre uma lenda paranaense cujos elementos envolvem também as araucárias e os pinhões.



Imagem da autora (2014)

A Figura 2 trata também de uma colcha proveniente que recebeu tingimento na cor preta e foi alocada como recorte nas laterais de uma capa, que rememora a década de 1960, e é decorada com bordados. O macramê em destaque traz pássaros azuis, em alusão à Gralha Azul

Figura 2: Colcha transformada em capa



Imagem da autora (2014)

Considerações finais

Os tecidos que vestem uma casa, como artefatos da memória familiar, se constituem em vetores de comunicação da memória, que possibilitam a valorização das práticas femininas de produzir e vestir uma casa. Logo, por meio das apropriações desses têxteis em peças de vestuário, as gerações de mulheres de uma família dialogam e estabelecem nexos entre passado e presente, fortalecendo, assim, os vínculos afetivos e a memória familiar.

Ao abrir a gaveta dos têxteis esquecidos, abre-se também um portal para o encontro afetivo com as memórias. As técnicas do design de superfície se mostram capazes de implantar os antigos tecidos às novas roupas, promovendo riqueza estética, mas sem que percam seu verdadeiro significado, e o que se reborda nas peças de vestuário são as impressões de um passado, conferidas pelas lembranças, que resgatará um universo feminino, no qual os laços de fita também promovem laços de afeto.

Referências

AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, Escola e Lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.65-83.

AVELAR, Suzana: **Moda, Globalização e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: Estação das Letras e Cores, 2011.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277/1416>>. Acesso em 23 de fev. de 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade: Uma reflexão necessária**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

COSTA, Ricardo. História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado. **SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro 2007. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/ricardocosta_artigo.pdf>. Acesso em: 23 de fev. de 2015.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

DUKE, Marshall. **An “Intergeneration Sense of Self” is a Source of Strength for Kids and Family Members**. Marial. Spring, 2006. Disponível em: <<http://www.marial.emory.edu/newsletter/Spring%2006/6.pdf>>. Acesso em: 24 de fev. de 2015.

FOSCHIERA, Rogério. **Autenticidade e antropologia filosófica em Charles Taylor**. Saberes. Natal, v.1, n.2, maio de 2009. Disponível em:

<<http://www.cchla.ufrn.br/saberes/Edicao2/Artigos/Rogério%20Foschiera,%20p.%20152-165.pdf>> . Acesso em: 23 de fev. de 2015.

FREITAS, Renata Oliveira Teixeira de. **Design de Superfície: Ações comunicacionais táteis nos processos de criação.** São Paulo: Blucher, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memórias e ideologias nacionais: O problema dos patrimônios culturais. **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.1, n.2: Identidade Nacional, 1988. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2163/1302>>. Acesso em: 24 de fev. de 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: D P & A Editora, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire.** Paris. Édition Albin Michel, 1925.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império de efêmero.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

PERROT, Michelle. **Práticas da Memória Feminina.** Ver. Brasileira de História. São Paulo: Anpuh, v. 9 nº 18, ago./ set. de 1989.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória e dor.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self: A construção da Identidade Moderna.** São Paulo: Editora Loyola, 1997.